

“A ROÇA DO FUTURO”: a construção da metodologia De Camponês a Camponês no sul de Sergipe

“THE CROP OF THE FUTURE”: construction methodology "From Peasant to Peasant" in southern Sergipe

"LA HUERTA DEL FUTURO": la construcción de la metodología de campesino a campesino en el sur de Sergipe

Marília Andrade Fontes
Mestre em Agroecossistema pelo Núcleo de Estudos em
Recursos Naturais (NEREN/UFS)
Pesquisadora do Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos (LABERUR/UFS)
marilia_fontes@yahoo.com.br

Jorge Enrique Montalván Rabanal
Especialista em Agroecologia pelo Programa de
Pós Graduação em Agroecossistemas (PPGA/UFSC)
Mestrando em Geografia Agrária (NPGeo/UFS)
Pesquisador do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA)
rabanal80@gmail.com

Eraldo da Silva Ramos Filho
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista –
Campus de Presidente Prudente (UNESP)
Professor dos cursos de graduação e
Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Coordenador do Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos (LABERUR/UFS)
Pesquisador do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA)
eramosfilho@pq.cnpq.br

RESUMO

A estratégia da construção do conhecimento agroecológico em redes, por ser um processo relativamente novo e importante para a transição agroecológica, requer ainda pesquisas e reflexões para ser melhor compreendida. Partindo da concepção que os intercâmbios agroecológicos tornam as agricultoras e os agricultores sujeitos do seu próprio desenvolvimento através de processos participativos, coletivos e integradores, apresenta-se uma demanda de aprofundar o entendimento da metodologia para entender quais aspectos fazem avançar a construção desses conhecimentos e qual o papel dos extensionistas e pesquisadores nesse processo. O presente artigo discute a experiência agroecológica de “agricultor farol” integrante da Rede Social de Aprendizado do Território Sul Sergipano (RSA). O texto está estruturado em três momentos/seções. Convidamos o leitor para em “Tecendo a Rede” desvelar a dimensão do processo no qual está inserido esta pesquisa, assim como a dimensão do realizável, em curso. Na segunda seção, “Trilhas Metodológicas”, tratamos dos caminhos percorridos pela RSA para a construção da metodologia De



Camponês a Camponês, no sul de Sergipe. Na terceira seção intitulada “Roça do Futuro” e Construção do Conhecimento Agroecológico”, sistematizamos e discutimos o intercâmbio na unidade de produção agroecológica do agricultor farol, Ivanilson dos Santos, buscando soluções, aprendizados e projetando ações que contribuam com a socialização e a construção da agroecologia. Por fim, concluímos com reflexões e apontamentos de planejamento sobre a metodologia De Camponês a Camponês, sua adequação à realidade sergipana na RSA, e seu potencial para alavancar a agroecologia e contribuir com a construção da soberania alimentar e fortalecimento do campesinato.

Palavras-chave: Agroecologia; Território; Campesinato; Rede; Soberania Alimentar.

ABSTRACT

The strategy of building agroecological knowledge in networks, being a relatively new and important for the agroecological transition requires further research and reflection to be better understood. Starting from the concept that exchanges agroecological farmers become subjects of their own development through participatory processes, collective and integrators, presents a demand to deepen the understanding of the methodology to understand which aspects are advancing the construction of such knowledge and the role of extensionists and researchers in this process. This article discusses the experience of agroecological "farmer lighthouse" member of the Social Network of Learning Southern Territory Sergipe (RSA). The text is structured in three stages / sections. We invite the reader to "Weaving the Web" reveal the size of the process in which this research is inserted, as well as the size of realizable ongoing. In the second section, "Methodological Trails", treat the paths taken by the RSA for the construction of the methodology From Peasant to Peasant in southern Sergipe. In the third section titled "Roça Future" Building Knowledge and Agroecology ", systematized and discussed the exchange on farm agroecological farmer's lighthouse, Ivanilson dos Santos, seeking solutions, and designing learning activities that contribute to the socialization and the construction of agroecology . Finally, we conclude with reflections and notes on the planning methodology from Peasant to Peasant, their suitability to sergipana in RSA, and its potential to leverage agroecology and contribute to building food sovereignty and strengthening of the peasantry.

Keywords: Agroecology; Territory; Peasantry; Network, Food Sovereignty

RESUMEN

La estrategia de construcción de conocimiento agroecológico en las redes, por ser un proceso relativamente nuevo y importante para la transición agroecológica, requiere más investigación y reflexiones para ser mejor entendida. Partiendo del concepto de que los intercambios agroecológicos hacen las agricultoras y agricultores sujetos de su propio desarrollo a través de procesos participativos, colectivos y integradores, se presenta una demanda de profundizar el entendimiento de la metodología para entender cuáles aspectos hacen avanzar la construcción de estos conocimientos y cuál el papel de los extensionistas y investigadores en este proceso. En este artículo se analiza la experiencia agroecológica de "agricultor faro" miembro de la Red Social de Aprendizaje del Territorio Sur de Sergipe (RSA). El texto se estructura en tres momentos/secciones. Invitamos al lector para en “Tejiendo la Red” desvelar la dimensión del proceso que se inserta esta investigación, así como la dimensión del realizable, en curso. En la segunda sección, "Caminos metodológicos", Tratamos de los caminos tomados por el RSA para la construcción de la metodología de campesino a campesino, en el sur de Sergipe. En la tercera sección titulada "Huerta del Futuro" y “construcción del conocimiento agroecológico”, sistematizamos y discutimos el intercambio en la unidad de producción agroecológica del agricultor faro, Ivanilson dos Santos,



buscando soluciones, aprendizajes y proyectando acciones que contribuyen con la socialización y la construcción de la agroecología. Finalmente, se concluye con las reflexiones y notas de planificación sobre la metodología De campesino a campesino, su adecuación a la realidad en Sergipe em la RSA, y su potencial para apalancar la agroecología y contribuyen con la construcción de la soberanía alimentaria y el fortalecimiento del campesinado.

Palabras - clave: Agroecología; Territorio; Campesinado; Red; Soberanía Alimentaria.

1 TECENDO A REDE

O método de trabalho da agricultura ditada pelo mercado mundial teve no aumento da produtividade sua maior demonstração de sucesso, porém utilizando sempre insumos químicos, grande extensões de terra, crédito farto e condições de acesso ao mercado capitalista que exclui os camponeses. A intensa utilização de fertilizantes industriais, a dependência da motomecanização, o apelo insistente para o desenvolvimento de monocultivos e, por fim, o uso indiscriminado de agrotóxicos e a transgenia são parte de um pacote tecnológico que segue evoluindo nos dias atuais em um contexto de disputa com o modelo de vida e de produção do campesinato e de suas comunidades que buscam se construir de acordo com a sociedade e com o ecossistema que estão inseridos.

O modo de produção camponês representa a resistência a este modelo produtivo da revolução verde e dessa forma resgatam, reinventam e transformam suas práticas de controle dos sistemas agrários locais. Neste contexto a agroecologia é a ciência que proporciona as bases científicas (princípios, conceitos e metodologia) para a construção de alternativas que sejam capazes de lidar com as complexidades da agricultura camponesa e apoiar a transição do modelo de produção do pacote tecnológico a estilos produtivos de base ecológica (CAPORAL, 2007).

Deste modo de produção encontramos pouco conhecimento sistematizado por acadêmicos ou difundidos como práticas exitosas entre os agricultores e agricultoras. Segundo Mazoyer & Roudart (2010), a agroecologia que coexiste com a agricultura convencional, conservou os meios para se manter e para progredir, ostenta uma riqueza de invenção insuspeita e continua a desenvolver-se com as vias que lhe são próprias.

O apoio para os camponeses e camponesas que fazem agricultura de acordo com seus traços culturais e com relação intrínseca ao ecossistema em que vivem, torna-se a grande possibilidade de transformá-los em sujeitos de um modelo de desenvolvimento próprio, relacionado com a sociedade



e cumpridor de papel estratégico no contexto de crise estrutural do capitalismo do mundo contemporâneo (Mazoyer & Roudart, 2010; MESZÁROS, 2002 e 2011).

As experiências agroecológicas no Brasil em sua maioria são de pequenos agricultores e agricultoras, que utilizam força de trabalho familiar e possuem uma relação direta com os recursos naturais. Porém, as inúmeras experiências exitosas pouco se comunicam, interagem ou se integram. Na maioria das vezes o cenário é de vários pontos isolados, que precisam gerar um fluxo entre eles e dessa forma, tecer redes.

Uma realidade antagônica é sugerida pela agricultura capitalista onde se valoriza a grande propriedade individual, a exploração do trabalho assalariado, a atividade rural específica e um alto padrão tecnológico agroindustrial que retira a autonomia dos agricultores e agricultoras em determinar o que se planta e o que se preserva.

O fortalecimento dos territórios camponeses na disputa com a agricultura capitalista perpassa pelas estratégias camponesas de resistência, criação e recriação de sua cultura e modo de vida. Da mesma forma, ao passo que se consolida e amplia o conhecimento do campesinato e seu modo de produção, juntamente com seus pares, consolida-se e ampliam-se também seus múltiplos territórios. Portanto, a formação de redes visando construir e ampliar o acesso às técnicas de produção, princípios e práticas agroecológicas que recuperem a autonomia da família camponesa é uma importante estratégia para o fortalecimento do campesinato.

A política de desenvolvimento territorial, em Sergipe, possibilitou no Território da Cidadania Sul Sergipano a construção da Rede Social de Aprendizado (RSA) formada por extensionistas, pesquisadores, pesquisadoras e agricultores e agricultoras de comunidades rurais, tradicionais e assentamentos de reforma agrária. O Território de planejamento Sul Sergipano está localizado no bioma mata atlântica do nordeste brasileiro e é um dos quatro territórios rurais de Sergipe, sendo formado pelos municípios de Arauá, Boquim, Cristinápolis, Estância, Indiaroba, Itabaianinha, Itaporanga, Lagarto, Pedrinhas, Salgado e Santa Luzia do Itanhhy.

Os sujeitos integrantes da RSA se organizam, constroem agricultura de base ecológica, buscam formas de difundir a prática agroecológica e de incorporar seus princípios e, principalmente, criam um fluxo de intercâmbios entre as experiências dos agricultores e agricultoras possibilitando através do aprendizado, da construção de novos conhecimentos, tecer a rede.

Essa rede é formada esquematicamente por três componentes: a) agricultor e agricultora; b) fluxos e interações de diferentes naturezas; c) agricultor e agricultora farol. Os agricultores e agricultoras são os pontos, antes isolados, e onde se inicia a trama para tecer a rede. Os fluxos e



interações são as várias possibilidades de ligações entre esses pontos. Os agricultores e agricultoras faróis são os nós, de onde emana maior acúmulo na construção agroecológica, ou processo de transição agroecológica mais avançado, àqueles que dão a resistência à rede e apontam caminhos possíveis.

A RSA produz ações que resultam em mudanças, impactos no espaço onde vivem e se relacionam, e dessa forma, esses agricultores se apropriam desse espaço e então territorializam-se, ao desenvolverem relações sociais, produtivas, políticas e econômicas a partir da criação de um campo de poder.

No sul de Sergipe o conhecimento agroecológico é construído por meio da relação ação-sistematização-reflexão-ação das experiências dos camponeses e camponesas integrantes da Rede Social de Aprendizado, proporcionada pela troca de experiências entre estes sujeitos, através intercâmbios onde se relacionam diferentes famílias camponesas conhecedoras do seu ecossistema local, que a partir de discussões e proposições inovadoras, vêm (re)orientando a construção do modelo de desenvolvimento territorial referenciado na agroecologia.

As práticas agrícolas intercambiadas ocorrem rotineiramente nas experiências agrícolas camponesas que resistem ao pacote tecnológico da revolução verde e às inúmeras investidas do capital no campo, assim como possuem importância estratégica enquanto instrumento capaz de fortalecer, ampliar e consolidar os territórios camponeses.

O presente artigo aborda reflexões e resultados preliminares obtidos no decurso do projeto “Construção do Conhecimento Agroecológico em Territórios de Identidade Rural por meio de Intercâmbios em Redes Sociais”, liderado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), unidade Centro de Pesquisa Agropecuária Tabuleiros Costeiros (CPATC) e integrado por agricultores, agricultoras e pesquisadores e pesquisadoras de diversas instituições, a saber: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimentos de Mulheres Camponesas, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Universidade Federal de Sergipe e Universidade Federal de Viçosa.

Partindo da concepção que os intercâmbios agroecológicos são estratégias de troca de conhecimento que tornam os agricultores e agricultoras sujeitos do seu próprio desenvolvimento através de processos participativos, coletivos e integradores, o artigo apresenta na seção “Trilhas metodológicas” a metodologia De Camponês a Camponês, utilizada nos intercâmbios e que busca compreender os aspectos que fazem avançar na construção do conhecimento agroecológico em redes de agricultores e agricultoras.



Na seção “A Roça do Futuro e a construção do conhecimento agroecológico” apresenta-se o desenvolvimento da metodologia De Camponês a Camponês na condução de um intercâmbio e a experiência agroecológica de um agricultor farol da RSA, extraindo dessa prática lições, aprendizados e apontamentos para futuras construções.

2 TRILHAS METODOLÓGICAS

O caminho trilhado pelo projeto junto à rede social de aprendizado iniciou com a busca de uma metodologia que possibilitasse o fortalecimento da agroecologia e potencializasse os trabalhos e ações já desenvolvidos pelos agricultores e agricultoras na rede. Portanto alguns princípios são centrais em todas as ações e intervenções do projeto: a atuação baseada no diálogo, na horizontalidade e no protagonismo do campesinato, sendo os técnicos, técnicas, pesquisadores e pesquisadoras animadores desse processo, organizadores de demandas e sistematizadores do conhecimento tácito dos agricultores e agricultoras.

A primeira etapa é a identificação de agricultores e agricultoras que possuem uma relação harmoniosa com a natureza e profunda compreensão das dinâmicas das comunidades em que estão inseridos. Para tanto, são utilizadas técnicas/ferramentas que constituem o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) (VERDEJO, 2007). O DRP é uma metodologia de diagnóstico que preconiza e estimula a participação dos atores enquanto sujeitos do próprio diagnóstico, e dessa forma cria condições para construir as soluções dos problemas levantados de forma autônoma evidenciando os processos de construção coletiva e organizacionais. Na aplicação das técnicas/ferramentas buscamos identificar, com cada agricultor e agricultora, sua relação com a natureza, as práticas agrícolas adotadas, os insumos utilizados considerando sua origem e formas de produzi-los, bem como os destinos da produção.

No momento inicial dos intercâmbios, com a intenção de identificar outros agricultores e agricultoras faróis que não estejam inseridos na rede e assim ampliá-la é utilizado a técnica de DRP “bola de neve” que consiste na indicação de outros agricultores e agricultoras interessados no processo em questão. Utilizamos, como critério dessa indicação, a pergunta ao grupo se eles conhecem outros agricultores e agricultoras, na redondeza, que possuem relações harmoniosas com a natureza e agricultura de princípios semelhantes aos praticadas pelo agricultor ou agricultora



visitada. O desenrolar do processo pressupõe a criação de uma verdadeira bola de neve, que cada vez que caminha, aumenta e que é capaz de abarcar um grande número de experiências (ALBUQUERQUE, 2004).

Os procedimentos de sistematização de experiências realizados durante o intercâmbio utilizam o método da caminhada guiada, onde o agricultor/agricultora percorre sua propriedade guiando o grupo de agricultores, agricultoras, técnicos, técnicas, pesquisadores e pesquisadoras aos locais que na sua percepção são de maior importância. Este é um processo não só de documentação, mas também de construção do conhecimento agroecológico por meio da reflexão coletiva sobre a descrição de seu estilo produtivo. Cada parte da propriedade visitada e as técnicas utilizadas que são descritas pelo agricultor e agricultora geram no grupo discussões espontâneas ao longo da caminhada e/ou provocadas nos espaços de reflexão e avaliação do intercâmbio. Este pensar a prática, refletir sobre uma ação realizada e a troca de experiências daquele coletivo geram conhecimentos e constroem possibilidades de avançar e socializar o conhecimento agroecológico.

A sistematização de experiências agroecológicas, metodologia utilizada para documentar ações, experiências e processos de geração do conhecimento, criam ambientes fecundos para que os sujeitos diretamente envolvidos na ação reflitam, aprendam e aprimorem suas próprias intervenções. Neste processo, homens, mulheres, jovens, adultos, crianças, técnicos, pesquisadores e agricultores partindo do saber partilhado, formulam e reformulam seus pontos de vista, dão novo sentido à experiência prática e ao conhecimento ali gerado (RIBEIRO, 2006).

Durante os intercâmbios escolhe-se entre os pesquisadores: um facilitador e dois relatores. O objetivo dessa divisão é conduzir o processo de sistematização da forma mais natural possível, observando também as conversas informais, onde o agricultor é o sujeito pleno de suas ações e o facilitador é o provocador das reflexões, tanto do agricultor/agricultora farol quanto dos outros agricultores, agricultoras e visitantes. As experiências sistematizadas são tipificadas, pela equipe de pesquisadores, em grupos temáticos, diferenciadas de acordo com o princípio agroecológico predominante. O relato da experiência visitada e os resultados do intercâmbio geram boletins informativos sobre práticas agroecológicas em curso nas comunidades participantes do projeto, com vistas a difundir as experiências.

Para viabilizar a troca do conhecimento os intercâmbios agroecológicos são baseados na metodologia “De Campesino a Campesino” (HOLT-GÍMENEZ, 2008; SOSA, 2010) que é desenvolvida há cerca de 20 anos em países como Nicarágua, Cuba e Chile. Tem como princípio o desenvolvimento da construção do conhecimento agroecológico realizado de camponês para



camponês, ou seja, o dimensionamento de um ambiente de troca de experiências torna-se o principal espaço, no qual os camponeses são protagonistas ensinando, aprendendo, expondo os desafios e as potencialidades do seu sistema agrário.

Desse modo, o conhecimento compartilhado através de diálogos, pautado na ação e na investigação dirigidas pelos sujeitos, busca fundamentalmente descrever uma pedagogia sustentada na práxis camponesa (HOLT-GIMÉNEZ, 2008). Assim rompe-se o paradigma da transferência de tecnologia e do desenvolvimento territorial rural hierárquico e se fortalece a construção partilhada com protagonismo camponês por meio de processo político, de classe, baseado no diálogo e na troca de experiência entre diferentes sujeitos.

A construção dos intercâmbios entre as experiências dos agricultores e das agricultoras facilita o diálogo entre os saberes populares e conhecimento científico e ao mesmo tempo revela agricultores e agricultoras em estágios mais avançados da transição agroecológica: os agricultores/agricultoras faróis, que atuarão como referência de outros agricultores e agricultoras, facilitando o processo de socialização da agroecologia, pois partem da mesma identidade camponesa, ligada a valores como o respeito aos outros e à natureza.

A partir da participação de diversos agricultores, agricultoras e, consequentemente, de diversos saberes esperamos que seja possível gerar uma base metodológica para disseminação de tecnologias de agricultura ecológica, referenciada pelos agricultores e agricultoras, que desafia grande parte do conhecimento agrônômico que foi imposto aos camponeses e as camponesas pela revolução verde (HOLT-GIMÉNEZ, 2008). Com isso, acredita-se que no decorrer dos anos, será dado um grande salto quantitativo e qualitativo de experiências agroecológicas. Estas serão difundidas com a finalidade de maximizar a adoção dos princípios e proporcionar um aumento de escala das experiências, pois assim que o número de praticantes aumenta, avançam também as inovações agroecológicas, o protagonismo dos agricultores e agricultoras e a visibilidade de suas experiências.

As primeiras etapas pretendidas por meio do projeto “Construção do conhecimento agroecológico em territórios de identidade rural por meio de intercâmbios em rede social de aprendizado” são: visitar, identificar e sistematizar experiências de agricultores e agricultoras que participam da RSA do território Sul Sergipano. Os resultados deste primeiro ciclo de intercâmbios (10 intercâmbios) foram sistematizados e devolvidos para os agricultores e as agricultoras, que no coletivo da rede avaliaram os rumos do projeto, ajustaram a metodologia e planejaram as atividades seguintes.



Estas deverão continuar em formato de intercâmbio, intercalando visitas e oficinas que buscarão solucionar as demandas identificadas. Para tanto, acredita-se que muitos problemas vivenciados pelos agricultores e pelas agricultoras já foram solucionados pelos agricultores/agricultoras faróis. Desse modo, as atividades seguirão, colocando em contato os problemas e suas soluções, por meio de uma nova etapa de intercâmbios, oficinas e práticas que terão como base a construção do conhecimento agroecológico fruto da relação horizontal entre os agricultores e agricultoras do Território Sul Sergipano.

Na seção seguinte convidamos o leitor a conhecer a sistematização de um dos intercâmbios realizados. Trata-se das práticas realizadas na “Roça do Futuro”, denominação dada pelo agricultor Ivanilson e sua família à sua unidade de produção, este registro possibilita um aprendizado sobre a aplicação da metodologia De Camponês a Camponês na condução de um intercâmbio entre agricultores e agricultoras, e ilumina soluções e projetos de ações que contribuam com a socialização e a construção da agroecologia.

3 “A ROÇA DO FUTURO” E O CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

O primeiro intercâmbio desempenhou papel fundamental na condução do projeto. Consolidou a equipe interinstitucional, ajustou a metodologia de condução dos intercâmbios, assim como das oficinas. Participaram dessa primeira atividade três famílias agricultoras: O dirigente nacional do MST em Sergipe, Gileno, sua esposa Nice, e seus filhos Marta (12) e Ildo Manoel (7); outra família foi a do militante e referência na produção agroecológica no território Sul Sergipano, Téio, sua esposa Eliana e o filho Gabriel (5), além da família do agricultor visitado Ivanilson e Jacira, e os filhos do casal Lídia (16), Hilgor (18) e Rivelino (10). Estiveram presentes também a equipe técnica do projeto composta por estudantes da UFS, pesquisadores da EMBRAPA e técnicos do MST, além de uma professora de solos da Universidade Federal de Viçosa e de um professor de geografia agrária na Universidade Federal de Sergipe, que são os consultores do projeto.

A escolha do local do primeiro intercâmbio, assim como das famílias que participaram dessa primeira atividade foi realizada a partir do conhecimento dos técnicos e militantes do MST que compõem a equipe do projeto. Os critérios foram participar da Rede Social de Aprendizado (RSA) e ter uma experiência já avançada na transição agroecológica. Nesse primeiro momento, por tratar de



um ajuste da metodologia que seria aplicada nos demais intercâmbios da rede, optou-se por reduzir o número de participantes, para que dessa forma pudéssemos detalhar cada momento e potencializar a participação.

O local escolhido para sediar o primeiro intercâmbio foi o lote de Ivanilson Leal dos Santos, que vive com sua família no assentamento Paulo Freire II, no município de Estância. O Assentamento Paulo Freire II está inserido na bacia hidrográfica do Rio Piauí, sub-Bacia do rio Fundo. O imóvel é cortado no sentido oeste/leste pelo Rio dos Macacos e em sua extremidade norte é limitado pelo Rio Fundo. Dessa forma, os lotes da agrovila foram alocados entre esses dois rios e, portanto todos possuem acesso à água. Além desses importantes rios que drenam o P.A Paulo Freire II, existem ainda pequenos riachos e nascentes de grande importância ambiental e econômica pra as famílias do assentamento de reforma agrária (Figura 1).

O imóvel compreende uma área coberta com vegetação do tipo campos cerrados, constituída por espécies de porte arbóreo-arbustivo ou arbustivo com substrato rasteiro, principalmente de gramíneas e ciperáceas. Observa-se ainda a presença de floresta subperenifólia margeando os rios, riachos e baixadas úmidas, constituídas por espécies de grande porte, com altura variando de 20 a 30 metros, constitui uma das formações mais importantes da zona úmida costeira, correspondendo às áreas relacionadas aos sedimentos do grupo Barreiras.

A conquista da área resultou da luta de 127 famílias provenientes do município de Boquim, que inicialmente fizeram uma ocupação em junho de 1998 no município de Salgado e depois de nove meses se dividiram em três acampamentos, sendo que um deles resultou no então assentamento Paulo Freire II, onde acamparam 57 famílias e 24 foram assentadas. Durante os quatro anos de acampamento ocorreram diversos confrontos com a polícia e seis despejos, respondidos com resistência, organização, esperança e sonhos que animaram a luta e possibilitaram a conquista da terra em agosto de 2001.

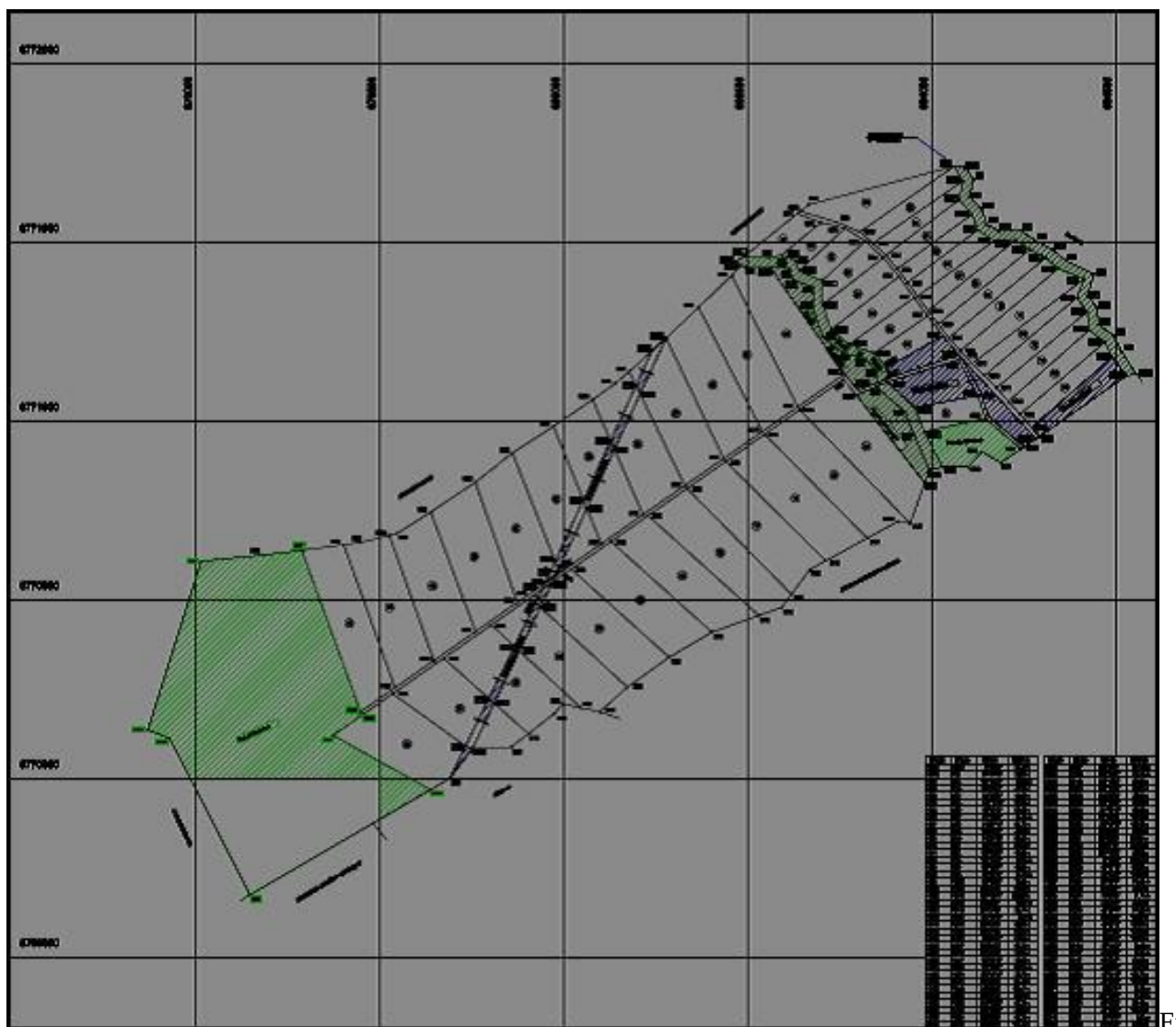


Figura 01. Estância - Planta do P.A Paulo Freire II
Fonte: INCRA/SR-23.

Ivanilson Leal dos Santos (que prefere ser chamado pelos amigos pelo cognome de Negão), sua esposa Jacira e os filhos Lúcia, Hilgor e Rivelino deram início a uma história de intercâmbios com o objetivo de construir o conhecimento agroecológico. Neste momento foi intercambiado além de experiências e práticas agroecológicas, inovações agrícolas e agrônômicas, conceitos e práticas como soberania alimentar, autonomia camponesa em relação ao Estado e ao mercado e a lógica das famílias para organização e o desenvolvimento da unidade de produção camponesa.

Antes de ir para o assentamento Paulo Freire II, Ivanilson, já casado e com dois filhos (Lúcia e Hilgor) ainda morava com seus pais no município de Boquim, que nessa época se destacava na economia sergipana como importante município produtor de laranja. Negão, na condição de trabalhador assalariado das grandes propriedades citrícolas, compreendeu que apenas em sua

própria terra poderia garantir o sustento de sua família e consolidar seus sonhos. Aprendeu também, ainda na condição de trabalhador assalariado: o manejo dos pomares de laranja, a realizar enxertia para produção de mudas e a construir cisternas escavando-as com o próprio esforço físico.

Ainda hoje ele se utiliza desses conhecimentos, associados à observação da natureza, para solucionar os problemas que enfrenta no dia a dia da agricultura e, de forma investigativa, juntamente com sua família, consolidou uma experiência de sucesso, na qual utiliza princípios agroecológicos da diversificação de cultivos, cobertura do solo, adubação verde, produção de insumos orgânicos e autonomia alimentar, a essa experiência ele e sua própria família denominaram de “Roça do Futuro”.

Passaram mais de 10 anos desde que conquistou a terra em 2001. Mas segundo ele, essa foi apenas a primeira luta, e que o maior desafio atual é desenvolver e organizar a produção agroecológica. Em roda, com a família ao lado, ele define agroecologia: “É plantar e colher sem agredir a natureza” com essa frase iniciamos o intercâmbio, que depois de uma rodada de conceitos no grupo, chegamos ao entendimento que agroecologia é: “Plantar, colher, comer e viver sem agredir a natureza”.

Após a construção do grupo sobre o significado da agroecologia iniciamos a visita por meio da caminhada guiada à Roça do Futuro. Negão, ainda na entrada, chamou nossa atenção para a paisagem local demonstrando que o imóvel rural lindeiro ao assentamento desenvolve um extenso monocultivo de eucalipto. Segundo ele, um dos grandes fatores responsáveis para a territorialização do agronegócio silvicultor tem sido o processo de endividamento dos camponeses e sucessivos fracassos decorrentes das dificuldades climáticas, de comercialização e da produção em condições desfavoráveis à remuneração do trabalho e, dessa forma, tornam as famílias vulneráveis à expansão do capital no campo, que carrega no seu movimento o processo de expropriação dos camponeses.





Figura 02. Estância – Pasto no PA Paulo Freire II ao fundo monocultivo de Eucalipto – 2012
Foto:Eraldo da Silva Ramos Filho, intercâmbio De Camponês a Camponês PA Paulo Freire II, jun. 2012.

Negão atribui esse processo de desterritorialização do campesinato à dependência que sofrem do pacote tecnológico da revolução verde e a baixa remuneração dos resultados do trabalho familiar e, portanto, a escassez de recursos econômicos para manter este padrão tecnológico. Este efeito é cumulativo porque, a adoção do padrão tecnológico, produz progressiva degradação ambiental, que leva à redução da produtividade e impossibilita a geração de renda. Percebe-se a clareza do agricultor ao falar da inviabilidade da unidade de produção familiar quando se adota o modelo agrícola convencional. A lógica desta produção, baseada no aumento da produtividade, está no uso de sementes híbridas exigentes em fertilização específica e em monocultivos. Dessa forma as plantas tornam-se propícias ao ataque de pragas e doenças, diminuem os microrganismos do solo devido aos sais da adubação e neste momento, o produtor (já refém da lógica do pacote tecnológico) não tem opção a não ser de usar venenos para controlar as várias doenças e pragas que irão surgir em sua lavoura. Este é um ciclo vicioso, onde uma ação desencadeia uma série de consequências que prendem o agricultor e retiram sua autonomia, e dessa forma, ou aplica-se o pacote completo, ou não produz.

O pacote tecnológico desenvolvido para viabilizar este sistema de produção simplificado e o conhecimento associado às técnicas de produção e condução do componente vegetal foram desenvolvidos para o modelo da agricultura capitalista, o que inviabiliza a sua reprodução no contexto socioeconômico particular da agricultura camponesa. Portanto, resultados e experiências como a do Negão, intercambiadas com a metodologia De Camponês a Camponês pode trazer grandes resultados na ampliação da adoção da agroecologia.

A imagem da Roça do Futuro, com diversidade e muita vida contrasta com a paisagem ao redor. Cultivado com uma diversidade enorme de espécies e uso de diferentes técnicas agroecológicas cuja algumas delas apresentaremos nos próximos parágrafos, a Roça do Futuro, também se diferencia dos lotes circunvizinhos trabalhados por outros camponeses assentados.



Figura 03. Estância – Porteira de entrada da Roça do Futuro em – 2012.

Foto: Eraldo da Silva Ramos Filho, intercâmbio De Camponês a Camponês PA Paulo Freire II, jun. 2012.

Os lotes do entorno apresentam tímida produção de poucos cultivos de ciclo curto como mandioca e milho ou foram destinados ao pastoreio sem a preocupação de recuperação ou cultivo de espécies arbóreas, representado na figura 02, cujo lote de assentamento situa-se imediatamente em frente à Roça do Futuro. Faz-se mister, registrar que estas fotografias foram tomadas após aproximadamente 6 meses de estiagem. Impressiona a resiliência do sistema agrário da Roça do

Futuro decorrente de técnicas como cobertura do solo, diversificação da produção, uso de espécies perenes e nativas além de técnicas outras técnicas de manejo do solo (Quadro 1).

Quadro 01. Síntese das técnicas adotadas na Roça do Futuro.

Práticas Agroecológicas	Espécies e técnicas utilizadas
Adubação verde	Feijão de porco, feijão guandu, mucuna preta, gliricídea e leucena. Essas espécies são consorciadas com outras espécies agrícolas e são capazes de retirar o nitrogênio do ar e incorporar ao solo para que possa ficar disponível para as demais culturas.
Berço ideal	É uma técnica utilizada para o plantio, consiste em fazer um berço com dimensão suficiente para que possa ser colocado bastante composto, criando então as condições ideais para o desenvolvimento das plantas. Nesse berço se planta diversas espécies, agrícolas e perenes, que se desenvolvem de diferentes formas no espaço e no tempo, otimizando a produção e o manejo.
Compostagem	Os restos culturais de podas e capinas, assim como folhas que caem das árvores são utilizadas para fazer adubo. Nessa experiência acrescenta-se o esterco produzido por porcos e cavalos fazendo pilhas embaixo de duas mangueiras. Esse composto é molhado e revirado sempre que necessário, para controlar a temperatura e oxigenar o composto.
Sistema Agroflorestal	É feito com o uso de diversas espécies perenes nativas ou não, o que confere resiliência ao sistema, melhora as características do solo, a infiltração da água, além de gerar madeira e energia juntamente com a produção de espécies agrícolas. Algumas espécies utilizadas nessa experiência são: mangueira, cajueiro, nin, pau-pombo, pau-de-leite, biriba, canafístula, genipapo, sombreiro mexicano e jaqueira
Cobertura do solo	Capim de corte e cana. Essas espécies são plantadas para gerar biomassa e cobrir o solo.

Observa-se ainda, a partir da figura 04, abaixo que o modelo diversificado da Roça do Futuro contrasta não somente com o pasto dos assentados vizinhos, mas, sobretudo com a monotonia do monocultivo do eucalipto que pode ser visto no horizonte. Visualizam-se dois territórios antagônicos: o território do agronegócio, onde se produz unicamente mercadorias a partir da expropriação camponesa e exploração do trabalho assalariado, em uma relação destrutiva da natureza, voltada à realização da acumulação; e o território camponês, fundamentado na relação de trabalho familiar, busca do equilíbrio entre homem-natureza e produção de alimentos saudáveis.





F

Figura 04. Estância – Sistema agrário da Roça do Futuro – 2012

Foto: Eraldo da Silva Ramos Filho, intercâmbio De Camponês a Camponês PA Paulo Freire II, jun. 2012.

Neste dia de intercâmbios a primeira troca de prática agrícola foi sobre o uso de adubação verde. Em todo o lote podemos perceber o uso de mucuna-preta (*Mucuna aterrima*), mucuna-branca (*Mucuna aterrima*) e feijão de porco (*Canavalia ensiformis*) e feijão guandu (*Cajanus cajan*). As plantas que se associam às bactérias fixadoras de nitrogênio, conhecidas como adubação verde, são ótimas aliadas do camponês, pois além de incorporar o nitrogênio (um dos principais nutrientes dos adubos químicos) do ar para o solo, geralmente, produzem muita biomassa, que serve para cobertura do solo.

Em seguida foi apresentado um banco ativo de germoplasma de citrus que possui 12 variedades de laranja (*Citrus sinensis*) e limão (*Citrus aurantifolia*). Ele produz suas próprias mudas testando várias combinações de cavalo/enxerto. Depois seleciona aqueles que melhor se desenvolveram naquelas condições de clima e solo, aquelas que melhor produzem, as mais resistentes à doenças, ao estresse hídrico, as frutas mais apreciadas por sua família, amigos e vizinhos e dessa forma vai construindo, com muita variedade seu pomar. Vejamos como nosso anfitrião se expressa acerca deste expediente.

Quando eu vim de Boquim, todo mundo falava que nessa terra não dava laranja...eu trouxe todas as variedades que conhecia, e aos poucos fui construindo meu pomar, com as que se desenvolveram aqui. Se eu trouxesse uma só, podia ser que não dava... Mas aqui eu faço minhas mudas e produzo laranja de qualidade... essas mudas já estão se espalhando pelos arredores daqui tudo!

“São as mudas da paixão!” exclamou a professora Irene Maria Cardoso, da Universidade Federal de Viçosa associando a prática de resgate de espécies de citrus, feita por Negão, com a experiência paraibana de resgate das sementes crioulas.

Outra prática apresentada durante o intercâmbio foi uma cisterna escavada manualmente para guardar água das chuvas, aproveitando a declividade do terreno. A explicação que deu ao grupo de visitantes foi que ao cavar essa cisterna pode observar e estudar o solo do lote, e descobrindo que as plantas precisam vencer uma camada rochosa para chegar no “selão fofo do solo”, que ele define como uma região mais propícia para o desenvolvimento radicular e conseqüentemente melhor absorção de água e nutrientes.

Esta foi uma demonstração do aprendizado por meio do fazer e refletir sobre a prática para então ajustá-la e adaptá-la e, com essa observação, esse agricultor criou um novo jeito de plantar, uma tecnologia desenvolvida para o plantio de coqueiro. Ao observar como se desenvolve o sistema radicular do coqueiro e entendendo o solo que possui, Negão, para realizar o plantio constrói um berço¹ com 1,5 metros de profundidade e 1,0 metros de largura, nessa escavação ele coloca o composto que produz, mistura com a terra que retirou e deixa mais baixo que o nível da superfície 0,25 metros. Esse desnível ele completa com palhada, biomassa que retira do próprio lote. Negão comparou essa técnica que desenvolveu com outras utilizadas na região, e que também possui no próprio lote, e não tem dúvidas sobre a melhoria no desenvolvimento da planta (Figuras 5, 6 e 7).

¹ Berço é um conceito formulado pelo camponês em oposição em conceito de cova. Segundo o mesmo, Berço é mais adequado para nomear a abertura do buraco que irá receber as mudas e ou sementes, pois remete ao local onde se abriga uma criança, onde se cuida do processo de geração em curso, ele remete à vida, cuidado com a muda, planta e semente.



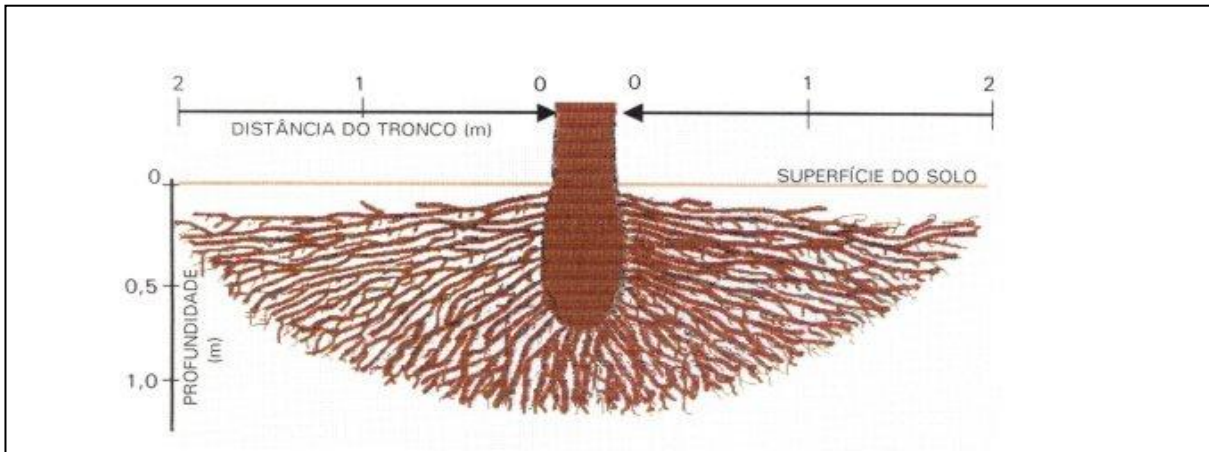


Figura 05. Esquema do desenvolvimento do bulbo radicular e das raízes do coqueiro.
Fonte: Fernando Cintra, Embrapa, 2009.

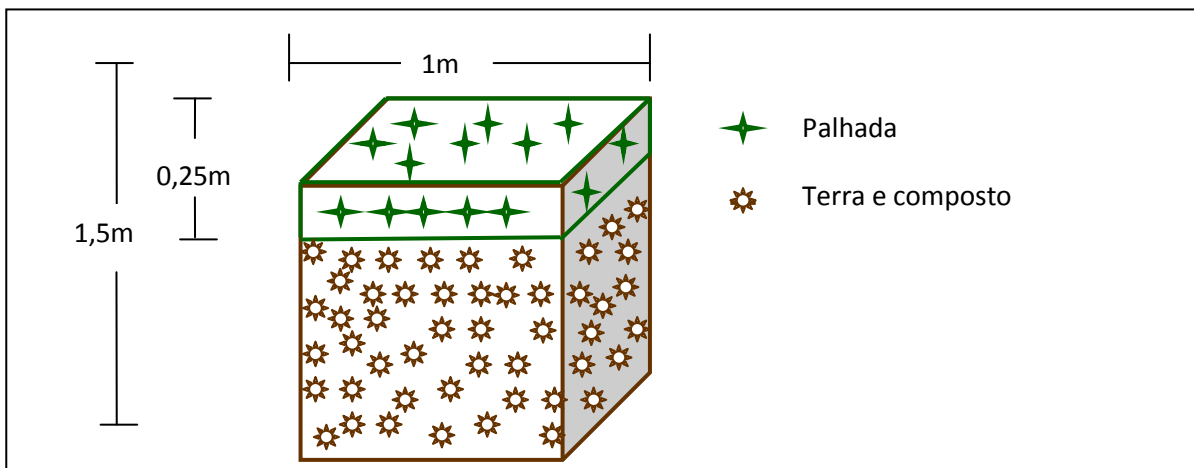


Figura 06. Croqui do berço para plantio do coqueiro desenvolvido por Ivanilson Leal dos Santos



Figura 07. Estância – Tecnologia camponesa e inovação: o Berço na Roça do Futuro - 2012

Foto: Eraldo da Silva Ramos Filho, intercâmbio De Camponês a Camponês PA Paulo Freire II, jun. 2012.

Com os mesmos princípios e compreensão da relação solo-água-plantas desenvolveu outras técnicas para o plantio da laranja e da cana. Sempre utiliza cobertura do solo, aprofunda os berços e enriquece com composto. O composto que produz é feito embaixo de duas grandes mangueiras. Ele utiliza as folhas que caem delas e outros resíduos vegetais do próprio lote, acrescenta esterco e urina dos animais de serviço. Segundo ele não precisa colocar minhocas já que o composto é feito direto no solo, as próprias minhocas vão para lá e cooperam com ele, mexendo e ajudando no enriquecimento do material.

Percebeu também que devido a essa declividade do terreno e as características do solo do seu lote, nos períodos de chuva mais intensa era comum o aparecimento de erosão laminar. Por isso, abriu valetas no sentido perpendicular à declividade para reduzir a força da água, mas relatou que agora já sabe que basta não usar maquinários pesados de revolvimento do solo e mantê-lo sempre coberto. Além de reduzir a erosão laminar, essas técnicas são benéficas para manutenção dos microorganismos, aos quais se refere como “um exército que existe no solo” e falou sobre a importância dos agricultores trabalharem junto com eles para o desenvolvimento das plantas e melhoria do solo.

Em outra parte do sítio onde possui maior densidade de citrus ele realizou o plantio de abacaxi (*Ananas comosus*) entre as linhas, o sucesso desse consórcio pode ser observado devido ao excelente desenvolvimento do abacaxi, sem nenhum prejuízo às laranjas (*Citrus sinensis*), limões (*Citrus aurantifolia*) e tangerinas (*Citrus reticulata*). Ainda nessa área Negão afirmou que ela deve ser enriquecida com palmeiras e espécies arbóreas, que ocupem um estrato superior ao ocupado por as espécies cítricas.

Outra área visitada foi o sistema agroflorestal sucessional. A implantação dessa área foi proposta no início da Rede Social de Aprendizado, em 2009. Negão preparou um coquetel de sementes, com 38 espécies florestais. Em cada berço ele plantou hortaliças diversas, mandioca (*Manihot esculenta*), milho (*Zea mays*), feijão (*Phaseolus vulgaris*) e espalhou o coquetel. Três anos depois a área possui grande quantidade de matéria e cobertura de solo, segundo ele teve boa colheita de mandioca, hortaliças e milho, e hoje predomina a espécie sombreiro mexicano (*Clitoria spp.*), mas existem diversas espécies como mangueira (*Mangifera indica*), cajueiro (*Anacardium occidentale*) e acerola (*Malpighia glabra*).

Todo o lote do Negão é um verdadeiro sistema agroflorestal, diversificado, onde espécies agrícolas e perenes coexistem, interagem e se desenvolvem. Segundo Negão e sua família, o nome Roça do Futuro foi dado a partir da experiência de implantação do sistema agroflorestal sucessional, pois nele o agricultor retira a produção hoje, amanhã e sempre. As sementes que darão produtos no futuro foram plantadas junto com aquelas que deram produtos no início (hortaliças, mandioca, milho, feijão, etc.) então sabem que no futuro terão mais produtos. Essas e outras inovações são exemplos de experiências agrícolas exitosas que intercambiadas contribuem para a construção do conhecimento agroecológico.

Após a visita foi realizado um momento de reflexão e percepção do grupo sobre o sítio. O objetivo desse momento é proporcionar outro momento de troca entre as famílias agricultoras e os técnicos que participaram do intercâmbio, assim eles falam das impressões, associam com suas experiências, discutem o que vivenciaram e consolidam conceitos e técnicas. Todas as falas remeteram à beleza e solidez da experiência desta família, além da esperança e força de exemplos como esse para a construção da agroecologia com o protagonismo dos agricultores e agricultoras.

Aspectos como a soberania alimentar e autonomia também foram marcantes nesse primeiro intercâmbio. A soberania alimentar é uma grande conquista desse agricultor visitado, que produz para alimentar sua família com qualidade e diversidade. “Não estou preocupado com a produção para o mercado, meu mercado é a minha família. Luto cada dia para ter tudo que preciso aqui, não



precisando comprar nada na rua...”. Essa concepção, peculiar ao campesinato, permite plena autonomia para decidir o que vai plantar e como vai plantar, sendo seus compromissos com a família e com a natureza, que provém, por intermédio do seu trabalho, o sustento. Dessa forma, o agricultor é o sujeito do seu próprio desenvolvimento.

Plantar o que vai comer, alimentar sua família, evitar comprar alimentos, parece-nos o primeiro passo para a construção da agroecologia, dessa forma, as famílias que estão iniciando o processo de transição devem se preocupar com a qualidade e a diversidade da comida que irá para sua mesa. Assim os plantios serão livres de agrotóxicos e múltiplos de forma a garantir os nutrientes necessários a saúde. A soberania alimentar se fundamenta no direito dos povos do mundo inteiro de alimentação saudável, de produzir alimentos de acordo com sua cultura, natureza, técnicas e ainda comercializar de forma justa (DEMARAIS, 2007).

Outro importante alicerce da experiência visitada é que sua construção foi feita com toda a família. Esse cuidado veio da preocupação que Negão e Jacira possuem de passar aos filhos o gosto pela agricultura e suas experiências acumuladas ao longo dos anos. Para isso, inventam formas de despertar o interesse dos filhos e tornar a atividade prazerosa, aliando o trabalho ao estudo e ao lazer.

A agroecologia também é um importante instrumento para despertar o interesse da prática agrícola no jovem, pois permite usar a criatividade, experimentar, ousar e desafia constantemente a construção do conhecimento. O trabalho torna-se prazeroso, abre possibilidades de ocupações distintas seja na implantação, manejo, beneficiamento, preparo dos alimentos e comercialização.

4 REFLEXÃO, PLANEJAMENTO E SOBERANIA ALIMENTAR

Enquanto parcela do campo assume padrões empresariais de produção, promovendo intensos processos de mercantilização, outros, como reflexo da crise gerada pelo próprio estilo empresarial, evoluem no sentido de reconstruir crescentes graus de autonomia técnica, econômica e cultural por meio da refundamentação da agricultura no contexto territorial (SILVEIRA, 2010).

A realização de intercâmbios entre agricultores e agricultoras expõe as diversas contradições existentes no campo brasileiro, que insistem em disponibilizar saídas descontextualizadas da



realidade da agricultura camponesa e constrói alternativas viáveis, realizáveis que são práticas dos próprios agricultores e agricultoras.

Os camponeses e camponesas de hoje não estão passivos e, contrariamente ao que desejam muitos teóricos, não estão desaparecendo enquanto classe social, pelo contrário, estão em constante adaptação contra o enfrentamento que pode ser global, regional e local (HOLT-GIMÉNEZ, 2008). A rede social de aprendizado e os intercâmbios De Camponês a Camponês são instrumentos que contribuem para ampliar o controle e o poder dos camponeses e camponesas, das relações familiares de trabalho, territorializando o campesinato, permitindo sua (re) criação.

Através do entendimento da dinâmica local dos assentados de reforma agrária envolvidos na Rede Social de Aprendizado buscamos envolver o enfoque agroecológico característico dos agricultores e das agricultoras do sul de Sergipe e difundir para outros camponeses, baseados no intercâmbio De Camponês a Camponês. Está em curso o desencadeamento de uma rede social, na qual os protagonistas são as famílias camponesas.

Isto está sendo realizado em escala local – global - local. Camponeses e camponesas cubanos, guatemaltecos, hondurenhos, equatorianos, mexicanos estão construindo suas redes em ações locais, a partir de escalas pequenas. Os camponeses e camponesas sergipanos já desencadearam esta forma de organização produtiva. E esta é uma forma de conectar-se com o global, produzindo transformações neste. Esta diversidade de ações semelhantes em escalas locais tem em comum a busca do fortalecimento da agricultura camponesa entorno da construção do projeto da soberania alimentar, compreendido como:

- Dar prioridad a la producción de alimentos saludables, de buena calidad y culturalmente apropiados en primer lugar para el mercado doméstico. Es fundamental mantener una capacidad de producción de alimentos basada en un sistema de producción agrícola diversificado – que respete la biodiversidad, la capacidad de producción de la tierra, los valores culturales, la preservación de los recursos naturales – para garantizar la independencia y soberanía alimentaria de las poblaciones.
- Suministrar precios competitivos para los agricultores (hombres y mujeres), lo que supone un poder para proteger los mercados internos contra las importaciones de bajos precios.
- Regular la producción de los mercados internos para abolir la creación de excedentes.
- Detener el proceso de industrialización de los métodos de producción y desarrollar una producción sostenible basada en familia agraria.
- Abolir cualquier ayuda a la exportación directa o indirecta (DESMARAIS, 2007, p. 56-57).



O intercâmbio realizado na Roça do Futuro além de identificar um agricultor farol serviu como ajuste da proposta de trabalho, a própria identificação dos agricultores/agricultoras faróis tem se mostrado uma excelente oportunidade de já realizar intercâmbios e até mesmo oficinas. Esta percepção vem sendo alcançada devido à construção interinstitucional do projeto que conta com um órgão de pesquisa agropecuária como a EMBRAPA; de um organismo de reordenamento fundiário como Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária; da Universidade Federal de Sergipe que atua através do Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos e da Universidade Federal de Viçosa; do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, representado pelos camponeses e camponesas visitados e seus técnicos e técnicas extensionistas.

Os processos sociais resultantes dos intercâmbios estarão sempre voltados para a construção do conhecimento agroecológico, mas também para a promoção da transição para agriculturas mais sustentáveis, de forma que se reconheça este conhecimento como elemento fundamental dos esforços de resistência e autonomia empreendidos pelos agricultores e agricultoras em seus territórios.

Espera-se com a execução desta proposta sejam ajustadas metodologias que potencializem a socialização do conhecimento tácito detido pelos agricultores e agricultoras e, que pela sistematização das experiências se tornará conhecimento explícito que, a partir de então, possa ser gerenciado como um conhecimento construído coletivamente e coletivamente possa ser compartilhado por meio de redes sociais de aprendizado. Este artigo é, também, um esforço coletivo de registro e sistematização deste profícuo processo, cuja intencionalidade reside na vontade de provocar reflexões em outros sujeitos, disseminar práticas exitosas e, timidamente, provocar o efeito bola de neve a partir de estímulos à criatividade de sujeitos envolvidos com a agroecologia, causídicos da condição camponesa, preocupados com a justiça social.

5 BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, U.P. de; LUCENA, R.F.P. de; ALENCAR, N.L. Métodos e Técnicas para coleta de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U.P. de; LUCENA, R.F.P. de. **Métodos e Técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA, 2004.



CHAVEZ-TAFUR, Jorge. **Aprender com a prática**: uma metodologia para sistematização de experiências. Brasil: AS-PTA, 2007.

DE BOEF, S.W. Biodiversidade e Agrobiodiversidade. In: DE BOEF, S.W.; THIJSEN, M.H; OGLIARI, J.B; STHAPIT, B.R. **Biodiversidade e Agricultores: fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre:L&PM, 2007.

DEMARAIS, Annette Aurelié. Campesinos y agricultores globalizados. In: **La Vía Campesina**: la globalización y el poder del campesinado. Madrid: Editora Popular, 2007.

FERNANDES, B.M. Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: **Luta pela Terra, Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil**. Antônio Márcio Buainain (Editor). Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNANDEZ, J.M; BERNARDO, M. J. Agricultura Sustentável e a construção de conhecimentos locais: uma experiência em Jalisco, México. *IN: Revista Agriculturas*: Experiências em Agroecologia; V.7, No 1. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2010.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Campesino a Campesino**: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable. Managua, 2008.

IVANILSON LEAL DO SANTOS (NEGÃO), SUA ESPOSA JACIRA E FILHOS, LÍDIA, HILGOR E RIVELINO, Intercâmbios em junho de 2012.

MAZOYER, M. & ROUDART, L. **"História das Agriculturas no Mundo - do neolítico à crise contemporânea"**. Brasília: NEAD/ MDA, São Paulo: Editora UNESP, 2010.



MÉSZÁROS, István. Das crises cíclicas à crise estrutural. In: **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. Tradução: Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa, São Paulo: Editora da Unicamp/Boitempo Editorial, 2002, p. 795 – 810.

_____. **Crise estrutural necessita de mudança estrutural.** II Encontro de São Lázaro – Conferência de abertura. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Disponível em: < http://www.ffch.ufba.br/IMG/pdf/Conferencia_Mezzaros.pdf > Acessado em 02 ago. 2011.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **Questão agrária atual:** Sergipe como referência para um estudo confrontativo das políticas de reforma agrária e reforma agrária de mercado (2003-2006). Presidente Prudente, 2008. 410. Tese. (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita” – Campus de Presidente Prudente. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/biblioteca.php>>. Acessado em: 3 out. 2008.

RIBEIRO, S; MONTEIRO, F.T.; FERRARI, E. **Sistematização de experiências:** saber partilhado. Revista Agriculturas: Experiências em Agroecologia, V.3, nº 2, 2006.

SILVEIRA, L.M. **A construção de territórios camponeses.** Revista Agriculturas: Experiências em Agroecologia; V.7, No 1. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2010.

SOSA, Braulio Marchín; JAIME, Adilén María Roque; LOZANO, Dana Rocío Ávila; ROSSET, Peter Michael. **Revolución Agroecológica:** el movimiento campesino a campesino de la ANAP en Cuba. Cuando el campesino ve, hace fé. La Habana, Cuba: ANAP/Via Campesina, 2010. Disponível em: < <http://www.rebelion.org/docs/111067.pdf> >.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: Entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP) Mario La O Sosa, **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 14, n. 19, p. 136 – 151, jul/dez, 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1803/1730>>.



VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)/Secretaria da Agricultura Familiar, 2007.

